

RESENHA

A negação nas línguas sinalizadas¹

Luiz Gustavo Paulino de ALMEIDA^{ORCID}

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

André Nogueira XAVIER^{ORCID}

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO

A apresentação realizada pelo Prof. Roland Pfau objetivou mostrar um estudo tipológico sobre a negação nas línguas sinalizadas. Sua fala foi organizada em quatro grandes momentos. O primeiro foi dedicado a apresentar um panorama sobre variações tipológicas na expressão de negação. Esse panorama abrangeu, inicialmente, dois padrões: línguas sinalizadas com dominância manual e com dominância não-manual. Em um segundo momento, foram-nos mostradas ocorrências de línguas que apresentam outros padrões para expressar negação. No terceiro, o Prof. Pfau se dedicou a abordar outras estratégias para se negar nas línguas sinalizadas, podendo ser (i) orações com perguntas e respostas, (ii) concordância negativa e (iii) alçamento da negação. No quarto e último momento, o professor apresenta algumas especulações sobre o ciclo de Jespersen aplicado às línguas de sinais. Sua palestra trouxe contribuições bastante significativas para o estudo sobre a negação em línguas sinalizadas e se destaca pela vasta literatura citada.

ABSTRACT

Dr. Roland Pfau's presentation aimed to show a typological study of negation in signed languages. His talk was divided into four main topics. The first one was dedicated to presenting an overview of typological variations in the expression of negation. This overview comprehended, initially, two patterns: manual-dominant and non-manual-dominant signed languages.



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Anderson Almeida (UFPI)

SOBRE OS AUTORES

- Luiz G. Paulino de Almeida

Escrita - análise e edição.

- André Nogueira Xavier

Escrita - análise e edição.

DATAS

- Recebido: 23/10/2021

- Aceito: 25/11/2021

- Publicado: 09/12/2021

COMO CITAR

Almeida, L. G. P.; Xavier, A. N. (2021). A negação nas línguas sinalizadas. *Revista da Abralín*, v. 20, n. 2, p. 1-12, 2021.

¹ Tradução para a libras: <https://youtu.be/SZBwvtjHumw>

In the second part, we were shown occurrences of languages that present other patterns to express negation. In the third part, Dr. Pfau showed other strategies for negating in signed languages, namely, (i) question-answer constructions, (ii) negative concord and (iii) negation raising. In the fourth and last part, Dr. Pfau presents some speculations about the Jespersen's cycle applied to signed languages. His lecture made significant contributions to the study of negation in signed languages and stands out for the vast literature cited.

PALAVRAS-CHAVE

Negação. Línguas sinalizadas. Libras.

KEYWORDS

Negation. Signed languages. Libras.

A apresentação do Prof. Roland Pfau objetivou mostrar um estudo tipológico sobre negação nas línguas sinalizadas². Neste texto, buscamos sintetizar os principais tópicos da apresentação, destacando alguns dos padrões observados nessas línguas. A palestra foi organizada em quatro grandes partes. Na primeira, o professor traz um panorama sobre a pesquisa tipológica da negação nas línguas sinalizadas. Segundo ele, existem duas formas principais de expressar negação: uma manual e a outra não-manual. Com base em dados da língua de sinais holandesa, NGT³, e da língua de sinais turca, TID⁴, o Prof. Pfau ilustrou a ocorrência dessas duas formas de negação num mesmo enunciado, como se pode ver nos exemplos 1 e 2 a seguir:

- (1) _____(hs)
DEFICIENTE RECONHECER NÃO INDICADOR⁵ (NGT)
'Não reconheci aquele deficiente.' (tradução minha)

² Para um panorama sobre as diversas formas de negação das línguas orais ver: Dryer (2013a; 2013b; 2013c), Miestamo (2013a; 2013b) e Haspelmath (2013).

³ Língua de sinais da holandesa, do holandês *Nederlandse Gebarentaal*.

⁴ Língua de sinais turca, do turco *Türk İşaret Dili*.

⁵ HANDICAPPED RECOGNIZE NOT INDEX.

neg-tilt

- (2) INDICADOR1 FALAR SABER^NÃO (TID)⁶
 ‘Ele não sabe falar.’ (tradução minha)

Embora ambas as línguas se assemelhem por usarem recursos manuais e não-manuais de negação, elas diferem em dois aspectos. Primeiramente, em relação ao marcador não-manual: enquanto usa-se o balançar da cabeça, *headshake* (hs), na NGT, na TID utiliza-se um movimento de inclinação da cabeça para trás, *backward head tilt* (neg-tilt). Em segundo lugar, observa-se uma diferença no escopo da marcação não-manual. O *headshake* na NGT, representado por uma linha sobrescrita à glosa, se espalha por toda a oração, ao passo que na TID esse espriamento do *backward head tilt* ocorre apenas simultaneamente à produção do verbo e da partícula negativa.

Na sequência, com relação aos recursos para a expressão de negação, o Prof. Pfau explica que as línguas sinalizadas podem apresentar *dominância manual* ou *dominância não-manual*. As línguas sinalizadas que apresentam dominância manual são aquelas em que o uso de um negador manual é necessário, ao passo que o marcador não-manual, geralmente, só o acompanha (podendo se espriar). Enquanto isso, em línguas sinalizadas com dominância não-manual, a presença do negador manual é opcional e a do não-manual, obrigatória. Nesse caso, é possível ocorrer um espriamento dessa marcação na oração. O Prof. Pfau cita uma série de exemplos de línguas sinalizadas com a dominância manual para expressar negação, como a língua de sinais russa, RSL⁷, a língua de sinais inuíte, IUR⁸, a língua de sinais italiana, LIS⁹ e a TID, e de línguas sinalizadas com dominância não-manual, como a língua de sinais americana, ASL¹⁰, a NGT, a língua de sinais alemã, DGS¹¹ e a língua de sinais sul-africana, SASL¹². O professor relata que dentro desses dois grupos, há variação inter-linguística. Por exemplo, dentro do grupo das línguas com sistema de dominância não-manual, é possível encontrar diferentes padrões de espriamento do marcador não-manual. Isso pode ser observado no *headshake*. Por exemplo, na ASL e na língua de sinais catalã, LSC¹³, a presença desse marcador não-manual somente no negador manual é gramatical. Porém, na DGS, isso seria agramatical. Por outro lado, a presença do *headshake* concomitante à produção do sinal verbal é gramatical em

⁶ INDEX1 SPEAK KNOW^NOT.

⁷ Do russo, *Русский жестовый язык*.

⁸ Do inuíte, *inuit uukrutausingit*.

⁹ Do italiano, *lingua italiana dei segni*.

¹⁰ Do inglês, *american sign language*.

¹¹ Do alemão, *deutsche gebärdensprache*.

¹² Do sul-africano, *suid-afrikaanse gebaretaal*.

¹³ Do catalão, *llengua de signes catalana*.

LSC e DGS, enquanto em ASL não. Além disso, o Prof. Pfau relata que em ASL o *headshake* costuma se espriar por toda a frase verbal.

Na sequência, o palestrante traz um estudo baseado no *corpus* da NGT, no qual foram analisados 35 vídeos, totalizando 1h30min de duração (CRASBORN *et al.*, 2008). Esses dados incluem diálogos envolvendo 22 surdos sinalizantes nativos, 14 mulheres e oito homens, todos da região de Groningen e deles foram excluídas palavras negativas como NADA e NUNCA ou modais negativos. De acordo com o Prof. Pfau, os dados sugerem que a NGT se comporta como uma língua sinalizada com dominância não-manual para expressar negação (cf. COERTS, 1992). Apesar disso, é possível observar a presença de um marcador manual.

Finalizando a primeira parte, o Prof. Pfau reitera que o *headshake* comumente ocorre junto com o negador manual (KENDON, 2002; HARRISON, 2014), bem como seu uso e escopo estão relativamente sujeitos às restrições específicas de cada língua (QUER, 2012; PFAU, 2015; GÖKGÖZ, 2021). Além disso, o *headshake* parece estar fortemente ligado à estrutura sintática do enunciado.

Na segunda parte da apresentação, além da classificação binária apresentada, o Prof. Pfau levanta outros padrões de categorização possíveis para expressar a negação nas línguas sinalizadas. Os dois padrões mencionados até aqui podem ser descritos por meio de dois parâmetros: o primeiro relacionado à obrigatoriedade da presença de um negador manual e o segundo à opcionalidade do espriamento do traço não-manual. Ambos os parâmetros podem ser marcados positiva e negativamente. Nesses termos, línguas de dominância manual são caracterizadas como sendo marcadas positivamente para o primeiro parâmetro e negativamente para o segundo (cf. LIS). Inversamente, línguas de dominância não-manual se caracterizam como marcadas negativamente para o primeiro parâmetro e positivamente para o segundo (cf. DGS). Segundo o Prof. Pfau, com base em estudos mais recentes, a RSL não se encaixa nesses padrões, pois, apesar de seu marcador manual ser de presença obrigatória, o *headshake* deve se espriar para o verbo, como no exemplo 3b (RUDNEV; KUZETSOVA, 2021).

- (3) a. IRMÃO GANHAR PRESENTE (RSL)¹⁴
 ‘Meu irmão ganhou um presente.’ (tradução minha)

_____ hs

- b. IRMÃO PRESENTE GANHAR **NÃO** (RSL)¹⁵
 ‘Meu irmão não recebeu um presente.’ (tradução minha)

O professor ainda ressalta que esse espriamento na RSL pode ir mais além, se estendendo por toda a oração e evidenciando que esse tipo de ocorrência sugere um terceiro padrão tipológico: com dominância manual e não-manual. Além disso, como mencionado pelo Prof. Pfau, na RSL a ordem das

¹⁴ BROTHER GET PRESENT.

¹⁵ BROTHER PRESENT GET **NOT**.

palavras muda. Na sentença afirmativa em 3a, a ordem sintática segue o padrão SVO. Nas sentenças negativas, exemplificada em 3b, existe uma forte tendência para a ordem SOV (PASALSKAYA, 2018).

Embora a TID tenha sido considerada como uma língua de dominância manual, portanto, sem espraio dos marcadores não-manuais, *headshake* e *backward head tilt*, segundo o Prof. Pfau, um estudo de Gökgöz (2011) contesta esse tratamento. Esse estudo mostra que o *headshake* não é um marcador negativo sintático, mas sim um traço fonológico de alguns itens lexicais negativos, e que, como tal, não pode se espraio. Além disso, o estudo documenta a existência de um outro marcador não-manual gramatical produzido por movimentos das sobrancelhas que as mudam de sua posição neutra (nbp¹⁶). Diferentemente do *headshake* e do *backward head tilt*, esse marcador pode se espraio por toda a oração, como ilustrado no exemplo 4:

- bht

 nbp
- (4) INDICADOR1 BANANA (FRENTE) JOGAR NÃO (TID)¹⁷
 ‘Eu não joguei a banana para a frente.’ (tradução minha)

Percebe-se que o *backward head tilt* acompanha apenas o marcador manual negativo, enquanto que a posição da sobrancelha se espraio por toda a oração. Logo, a TID entraria na mesma classificação da RSL, pois ela é marcada positivamente, tanto para o parâmetro da obrigatoriedade do marcador manual como para a opcionalidade do espraio do marcador não-manual.

Dando continuidade, o Prof. Pfau cita um estudo mais recente sobre a língua de sinais polonesa, PJM¹⁸, que sugere um quarto padrão. Segundo Kuder (2021), apesar de comum, o *headshake* não ocorre em todas as orações negativas. Por outro lado, é possível expressar a negação utilizando apenas esse marcador não-manual, sugerindo que a PJM pode ser uma língua sinalizada de dominância não-manual. Além disso, o *headshake* raramente se espraio para além de um único sinal. Sendo assim, a PJM seria marcada negativamente, tanto para o parâmetro da obrigatoriedade do marcador manual como para a opcionalidade do espraio do marcador não-manual.

Com base em Johnston (2018), o Prof. Pfau indica que a língua de sinais australiana, Auslan¹⁹, parece se comportar de uma forma diferente dos quatro padrões apresentados até aqui. Johnston investigou orações de um *corpus* de 25 horas e, nelas, a maioria continha um sinal negativo manual, sugerindo que a Auslan seria uma língua de dominância manual. Constatou-se também que o *headshake* não era muito comum, observado em apenas metade das orações. Além disso, o comportamento e a posição desse marcador se mostra não ser linguisticamente regido. Ao que parece, o *headshake* na Auslan ainda não

¹⁶ Non-neutral brow position.

¹⁷ IXI MUZ (ÖNE) ATMAK DEĞİL.

¹⁸ Do polonês, *Polski Język Mígowy*.

¹⁹ Do australiano, *Australian Sign Language*.

está gramaticalizado como nas demais línguas sinalizadas apresentadas. Segundo Johnston, esse marcador se assemelha ao gesto negativo que co-ocorre com o inglês falado.

Na terceira parte, o Prof. Pfau traz dados de estudos recentes que adicionam outros tipos de estratégias para expressar negação nas línguas sinalizadas (CAPONIGRO; DAVIDSON, 2011; HUDDLESTONE, 2021). A primeira citada por ele diz respeito a construções que envolvem uma pergunta seguida de uma resposta negativa. Essa construção é ilustrada com o exemplo da DGS que reproduzimos em 5. Nele se observa o levantamento das sobrancelhas, *raised eyebrows* (re), na porção do enunciado correspondente à pergunta, e o *headshake* (hs), na sequência, durante a produção do negador manual.

- _____ re _hs
- (5) MÃE FLOR COMPRAR **NÃO** (DGS)²⁰
 ‘Minha mãe comprou flores? Não.’ (tradução minha)

A sentença significa ‘minha mãe não comprou uma flor’, porém o sinalizante realiza uma pergunta e, em seguida, fornece a resposta negativa dessa pergunta. Segundo o Prof. Pfau, essa estratégia de negação é bastante comum na SASL. O estudo de Huddlestone (2021), baseado em dados eliciados e semi-espontâneos, totalizando 135 exemplos, indica que a SASL também se classifica como uma língua de dominância não-manual. Mais da metade das construções negativas analisadas apresentam uma estrutura de perguntas e respostas polares. Huddlestone completa que parte da resposta pode ser expressa tanto pelo *headshake* como também por um negador manual acompanhado do *headshake*, o que pode ser observado no dado a seguir, glosado a partir do vídeo apresentado pelo Prof. Pfau:

- _____ re _hs
- (6) INDICADOR1 FUMAR **NÃO** (SASL)
 ‘Ela não fuma.’ (tradução minha)

O professor menciona que, nesse exemplo, durante a expressão da pergunta, além das sobrancelhas levantadas, a sinalizante inclina a cabeça para frente, voltando à posição neutra durante a resposta.

Na sequência, o Prof. Pfau aborda uma outra estratégia para se expressar negação: a concordância negativa. Segundo ele, é esperado que quando dois elementos negativos ocorrem em uma mesma sentença eles se cancelem, porém no fenômeno denominado como ‘concordância negativa’ não é isso que ocorre, pois o significado permanece negativo. O professor menciona que padrões variados podem ser encontrados na concordância negativa. Existem línguas em que a concordância negativa é a estratégia padrão para se expressar a negação. Em outros casos, é possível que a concordância negativa seja obrigatória em contextos específicos, como no caso do italiano. E, ainda,

²⁰ MOTHER FLOWER BUY NOT.

existem línguas que utilizam a concordância negativa de forma opcional, como o georgiano (ZEIJLSTRA, 2004; 2016).

Em relação às línguas sinalizadas, o professor explica que a concordância negativa padrão é atestada tanto em línguas de dominância manual como em línguas de dominância não-manual (PFAU, 2015; 2016). No primeiro caso, utiliza-se um marcador negativo manual e um outro não-manual. No segundo, utilizam-se dois marcadores manuais combinados. Nesse caso, o *headshake*, por ser um componente lexical do marcador manual negativo, logo, não conta como um marcador não-manual independente. O Prof. Pfau relata que é possível encontrar a concordância negativa envolvendo dois marcadores manuais combinados, também em línguas sinalizadas de dominância não-manual. No entanto, em alguns casos, essa estratégia de negação é considerada agramatical (cf. DGS; LIS).

Na sequência, o professor apresenta exemplos de concordância negativa opcional, retirados de dados da TID, da língua de sinais georgiana, GESL²¹, e da LSC (GÖKGÖZ, 2011; PFAU; MAKHAROBLIDZE; ZEIJLSTRA, submetido; PFAU; QUER, 2007). Na GESL é possível negar a oração utilizando um único marcador manual negativo, podendo excluir a partícula negativa (NEG-1) do final da sentença. Porém, no contexto apresentado em 7, é bastante comum a ocorrência de ambos os marcadores:

- (7) ONTEM INDICADOR1 **NADA** COMPRAR **NEG-1** (GESL)²²
 ‘Ontem não comprei nada.’ (tradução minha)

Além desse padrão, o professor apresenta um caso especial de concordância negativa, encontrado na libras, ASL e NGT: a duplicação da negação²³ (NUNES; QUADROS, 2008; PETRONIO, 1993; VAN BOVEN; OOMEN; PFAU, submetido). Nesse caso, os dois marcadores manuais são idênticos, trazendo um significado enfático para a oração. Já na RSL, o professor argumenta que a concordância negativa é expressa através de dois sinais manuais utilizados obrigatoriamente em contextos específicos. Mesmo utilizando negadores indefinidos, como *ninguém* e *nada*, é obrigatória a utilização de um outro elemento negativo manual, como se pode ver em 8a e 8b (KUHN, 2020):

- (8) a. **NINGUÉM** 3LIGAR1 **NÃO** (RSL)²⁴
 ‘Ninguém me ligou.’ (tradução minha)

²¹ Do inglês, *Georgian Sign Language*.

²² YESTERDAY INDEX1 **NOTHING** BUY **NEG-1**.

²³ Neg-doubling.

²⁴ **NOBODY** 3CALL1 **NOT**.

b. INDICADOR1 **NADA COMPRAR NÃO** (RSL)²⁵

‘Eu comprei nada.’ (tradução minha)

O Prof. Pfau reporta que na GESL a concordância negativa não é obrigatória, mas deve ocorrer em casos que apresentam tempo verbal no pretérito, orações com advérbios e modais negativos (MAKHAROBLIDZE; PFAU, 2018). Os exemplos em 9a-b ilustram contextos em que são usados tanto advérbios, ONTEM, como modais negativos, QUERER NÃO ou PODER NÃO-1, que requerem a concordância negativa. Uma evidência dessa exigência é a agramaticalidade em 9c, em que o negador básico não aparece no final da sentença.

(9) a. ONTEM INDICADOR1 **QUERER NÃO** INDICADOR3 **NEG-1** (GESL)²⁶

‘Ontem eu não queria pintar.’ (tradução minha)

b. ONTEM INDICADOR2 **PODER NÃO-1** INDICADOR3 IR.PARA **NEG-1**²⁷

‘Ontem você não pôde ir lá.’ (tradução minha)

c. * ONTEM INDICADOR1 **PODER NÃO-1** INDICADOR3 IR.PARA²⁸

‘Ontem você não pode ir lá.’ (tradução minha)

Segundo Makharoblidze e Pfau (2018), em contextos diferentes daqueles em 9, ou seja, no pretérito e com modais negativos, a co-ocorrência de dois marcadores manuais negativos na mesma oração torna a sentença agramatical. Sendo assim, a GESL apresenta um tipo de concordância negativa específica ao tempo verbal, também atestado em línguas faladas. Nessas últimas, no entanto, a concordância nunca é restrita a um tipo específico de verbo, como modais, por exemplo (MIESTAMO, 2005).

Na sequência, o Prof. Pfau traz, de forma breve, mais uma estratégia para expressar negação: o alçamento da negação²⁹. Segundo ele, esse fenômeno semântico é muito estudado nas línguas faladas. Nessa estratégia, a negação expressa em uma oração principal pode ser interpretada em uma oração encaixada. O professor traz dois exemplos do inglês:

²⁵ INDEX1 **NOTHIG BUY NOT**.

²⁶ YESTERDAY IX1 **WANT.NOT** INDEX3 PAINT **NEG-1**.

²⁷ YESTERDAY IX2 **CANNOT-1** INDEX3 GO.TO **NEG-1**.

²⁸ YESTERDAY IX2 **CANNOT-1** INDEX3 GO.TO.

²⁹ Para ler mais sobre o tema, ver Pfau e Quer (2002).

- (10) a. I **don't** think that he likes this movie.
 'Eu **não** acho que ele goste deste filme' (tradução minha)
 = I think that he does **not** like this movie.
 '= Eu acho que ele **não** gosta desse filme.' (tradução minha)
- b. I **didn't** say that he likes this movie.
 'Eu **não** disse que ele gosta desse filme' (tradução minha)
 ≠ I said that he did **not** like this movie.
 '≠ Eu disse que ele **não** gostou deste filme' (tradução minha)

Em 10a, a negação na oração principal ou na oração encaixada não muda o significado da mensagem, diferentemente do que ocorre em 10b. Esse fenômeno, segundo o Prof. Pfau, só ocorre com certos predicados, como *pensar* e *acreditar*. Com o verbo *dizer*, por exemplo, essa estratégia não é possível. Apesar de não reportar seus resultados, o professor menciona a existência de pesquisas que investigam a ocorrência de alçamento da negação na TID e na Auslan (cf. GÖKSEL; KELEPIR, 2016; JOHNSTON, 2018) como também na NGT (cf. OOMEN; PFAU; KLOMP, 2019).

Na quarta e última parte, o Prof. Pfau traz especulações sobre o ciclo de Jespersen. Segundo o professor, línguas que exprimem um padrão pré-verbal para expressar negação podem sofrer um processo de enfraquecimento semântico e redução fonológica desse marcador. Com isso, surge uma necessidade de reforçar a negação, adicionando um outro marcador negativo pós-verbal. Com o passar do tempo, a forma pré-verbal enfraquecida desaparece e a pós-verbal se torna o negador sentencial, finalizando o ciclo Jespersen. Para ilustrar, o Prof. Pfau mostra um exemplo do francês falado. O professor divide o ciclo em quatro estágios. No primeiro, o advérbio *ne* 'não', que é o marcador principal de negação, ocupa a posição pré-verbal. No segundo estágio, o substantivo *pas* 'passo' é acrescentado em posição pós-verbal, sendo um elemento enfático da negação. No terceiro, é possível perceber a redundância da negação, marcada pelo *ne* em posição pré-verbal e o *pas* em posição pós-verbal. Porém, nesse estágio, o *pas* deixa de ser um item complementar da negação e passa a ser utilizado como um marcador obrigatório da negação. No quarto e último estágio, o negador pré-verbal *ne* deixa de ser obrigatório e o negador pós-verbal *pas* passa a ser obrigatório, tanto na fala como na escrita. Com isso, o processo de mudança da negação sentencial do francês estaria finalizado, passando de uma negação pré-verbal para dupla negação e, posteriormente, para negação pós-verbal, completando o ciclo de Jespersen.

Para o Prof. Pfau, esse ciclo também pode ocorrer de forma semelhante nas línguas sinalizadas. Apesar de admitir a necessidade de pesquisas mais substanciais, o professor ilustra esse ciclo dizendo que o gesto manual negativo realizado com o indicador estendido e demais dedos fechados deve ter se lexicalizado como negador manual em algumas línguas de sinais. Por conta de sua frequente co-ocorrência com o *headshake*, esse aspecto não-manual pode ter sido reinterpretado como parte do sinal. Com o passar do tempo, esse *headshake*, segundo o Prof. Pfau, pode ter começado a

se espriar para o sinal adjacente. Com isso, criam-se as condições necessárias para que ele tenha sido reinterpretado como um marcador negativo independente.

A palestra do Prof. Pfau, a nosso ver, fornece subsídios para a pesquisa da negação nas línguas sinalizadas, uma vez que ele chama a atenção para a diversidade tipológica na expressão da negação nessas línguas. Mesmo que as pesquisas sobre negação nas línguas sinalizadas sejam ainda incipientes, os trabalhos citados pelo professor em sua fala colocam em cena um vasto campo a ser investigado e colaboram para um avanço na análise linguística de línguas como a libras, por exemplo, ainda pouco estudada nesse aspecto.

Até o momento, a libras conta com apenas dois estudos sobre a negação. Brito (1995) realizou o primeiro, no qual a autora documenta três estratégias para se expressar negação nessa língua: 1) a negação através do negador manual NÃO, que pode ocorrer em posição pré-verbal ou pós-verbal; 2) a negação não-manual, que ocorre simultaneamente por meio do *headshake*; e 3) a incorporação da negação, através da qual um item lexical de polaridade positiva sofre alteração em um dos parâmetros, mais precisamente o movimento, se tornando um item de polaridade negativa. Posteriormente, Arrotéia (2005) avança nas pesquisas sobre a negação na libras, desmembrando a negação não-manual em *headshake* e negação facial. Esse desmembramento é motivado, segundo a autora, pelo fato de o *headshake* se constituir na libras como um elemento unicamente afetivo e sem caráter gramatical, enquanto a negação facial desempenha o papel de marcador de negação sintática nessa língua. Mais recentemente, Almeida (em preparação), com base em dados naturalísticos, tem observado que a libras apresenta um comportamento semelhante ao de línguas de dominância não-manual. Além disso, o autor também tem observado, entre as estratégias de se expressar negação, construções de perguntas e respostas polares, atestadas também na DGS e SASL.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. G. P. Negação em libras. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba (em preparação).

ARROTEIA, J. O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB). 119 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270807>. Acesso em: 14 outubro 2021.

CAPONIGRO, I.; DAVIDSON, K. Ask, and tell as well: clausal question-answer pairs in ASL. *Natural Language Semantics*, Massachusetts, v. 19, n. 4, p. 323-371, 2011.

COERTS, Jane. *Nonmanual Grammatical Markers: An Analysis of Interrogatives, Negations and Topicalisations in Sign Language of the Netherlands*. 234 f. Tese (Doutorado) - University of Amsterdam, 1992.

CRASBORN, O.; ZWITSERLOOD, I.; JOHAN, R. The Corpus NGT: A Digital Open Access Corpus of Movies and Annotations of Sign Language of the Netherlands, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/hdl:1839/00-0000-0000-0004-DF8E-6>. Acesso em: 20 outubro 2021.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 273p.

DRYER, M. S. Negative Morphemes. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/112>. Acesso em: 20 outubro 2021.

DRYER, M. S. Order of Negative Morpheme and Verb. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/143>. Acesso em: 20 outubro 2021.

DRYER, M. S. Position of Negative Morpheme With Respect to Subject, Object, and Verb. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/144>. Acesso em: 20 outubro 2021.

GÖKGÖZ, K. Negation in turkish sign language: the syntax of nonmanual markers. *Sign Language & Linguistics*, v. 14, n. 1, p. 49-75, 2011.

GÖKGÖZ, K. 2021. Negation – theoretical and experimental perspectives. In: QUER, J.; PFAU, R.; HERRMANN, A. (Eds.). *The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research*. Oxford: Routledge, 2021, p. 266-294.

GÖKSEL, A.; KELEPIR, M. 2016. Observations on clausal complementation in Turkish Sign Language. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; HERRMANN, A. (Eds.). *A matter of complexity: Subordination in sign languages*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2016, p. 65-94.

GRAMMATICALIZATION, SIGN LANGUAGE NEGATION: TYPOLOGY AND. Conferência apresentada por Roland Pfau, 2021. 1 vídeo (1h 38min 26s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lXGwsvlWuE&t=4055s>. Acesso em: 12 outubro 2021.

HARRISON, S. 2014. The organisation of kinesic ensembles associated with negation. *Gesture*, v. 14, n. 2, p. 117-140, 2014.

HASPELMATH, M. Negative Indefinite Pronouns and Predicate Negation. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/115>. Acesso em: 21 outubro 2021.

HUDDLESTONE, K. Negation and polar question-answer clauses in South African Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, v. 24, n. 1, p. 63-80, 2021.

JOHNSTON, T. A corpus-based study of the role of headshaking in negation in Auslan (Australian Sign Language): Implications for signed language typology. *Linguistic Typology*, v. 22, n. 2, p. 185-231, 2018.

KENDON, A. Some uses of the headshake. *Gesture*, Nápoles, v. 2, n. 2, p. 147-182, 2002.

KUDER, A. Negation Markers in Polish Sign Language (PJM). *Sign Language & Linguistics*, Varsóvia, v. 24, n. 1, p. 118-131, 2021.

KUHN, J. 2020. Logical meaning in space: Iconic biases on quantification in sign languages. *Language*, Baltimore, v. 96, n. 4, p. 320-343, 2020.

MAKHAROBLIDZE, T.; PFAU, R. A negation-tense interaction in Georgian Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, Amsterdam, v. 21, n. 1, p. 136-151, 2018.

MIESTAMO, M. *Standard Negation: The Negation of Declarative Verbal Main Clauses in a Typological Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, 490p.

MIESTAMO, M. Symmetric and Asymmetric Standard Negation. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/113>. Acesso em: 20 outubro 2021.

MIESTAMO, M. Subtypes of Asymmetric Standard Negation. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/114>. Acesso em: 20 outubro 2021.

NUNES, J.; QUADROS, R. M. Phonetically realized traces in American Sign Language and Brazilian Sign Language. In: QUER, J. (Ed.). *Signs of the Time. Selected Papers from TISLR 8*. Hamburg: Signum. 2008. p. 177-190.

OOMEN, M.; PFAU, R.; KLOMP, U. On the nature of Neg-raising in Sign Language of the Netherlands. In: THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH (TISLR), 13., 2019, Hamburg, *Proceedings...* Hamburg, 2019. s/n.

PASALSKAYA, E. Sentential negation in Russian Sign Language. *National Research University Higher School of Economics Research Paper*, No.WP BRP 65/LNG/2018, Disponível em SSRN: <https://doi.org/10.2139/ssrn.3270827>. Acesso em: 11 outubro 2021.

PETRONIO, K. *Clause Structure in American Sign Language*. Tese (Doutorado) - University of Washington, 1993.

PFAU, R.; QUER, J. V-to-Neg Raising and Negative Concord in Three Sign Language. *Rivista di Grammatica Generativa*, v. 27, 2002, p. 73-86.

PFAU, R.; QUER, J. On the syntax of negation and modals in Catalan Sign Language and German Sign Language. In: PERNISS, P.; PFAU, R.; STEINBACH, M. (Eds.). *Visible Variation: Comparative Studies on Sign Language Structure*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 129-161.

PFAU, R. The grammaticalization of headshakes: From head movement to negative head. In: SMITH, A. D. M.; TROUSDALE, G.; WALTEREIT, R. (Eds.). *New Directions in Grammaticalization Research*. Amsterdam: John Benjamins, 2015, p. 9-50.

PFAU, R. A featural approach to sign language negation. In: LARRIVÉE, P.; LEE, C. (Eds.). *Negation and Polarity. Experimental Perspectives*. Dordrecht: Springer, 2016, p. 45-74.

PFAU, R.; MAKHAROBLIDZE, T.; ZEIJLSTRA, H. Negation and Negative Concord in Georgian Sign Languages (submetido).

QUER, J. 2012. Negation. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). *Sign Language. An International Handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 316-339.

RUDNEV, P.; KUZNETSOVA, A. Linearization constraints on sentential negation in Russian Sign Language are prosodic. *Sign Language & Linguistics*, v. 24, n. 2, p. 259-273, 2021.

VAN BOVEN, C.; OOMEN, M.; PFAU, R.; RUSCH, L. Negative Concord in Sign Language of the Netherlands: Journey through a corpus. In: WEHRMEYER, E. (Ed.). *New Advances in Sign Language Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins. (submetido).

ZEIJLSTRA, H. *Sentential Negation and Negative Concord*. Tese (Doutorado) - University of Amsterdam, Utrecht: LOT, 2004.

ZEIJLSTRA, H. Negation and negative dependencies. *Annual Review of Linguistics*, v. 2, p. 233-254, 2016.